

Um desvio ‘às aperturas do dilema’

Luciene Azevedo | UERJ

Resumo: O ensaio analisa as contradições presentes na leitura de Os Sertões de Euclides da Cunha, correlacionando-as ao impasse vivido pelo autor entre dois compromissos inconciliáveis: a fidelidade aos pressupostos científicos sobre a questão racial e a configuração de uma identidade nacional para o país. Ao invés de considerar como equivocada ou ultrapassada a rigidez cientificista que permeia o texto euclidiano, a argumentação prefere colocá-la em confronto com as próprias fontes euclidianas. A leitura de La Lutte des Races de L. Gumplowicz desvenda os desvios resultantes do dilema que a questão racial impunha ao desenvolvimento civilizado da nação.

Palavras-chave: ciência, raça, identidade.

A fidelidade de Euclides às argumentações de cunho étnico será a responsável pelas mais insistentes inquietações de *Os Sertões*. Tomar como “assunto geral” (cf. nota preliminar) a caracterização da sub-raça sertaneja e relacioná-la à questão da nacionalidade exige, paradoxal e simultaneamente, manter suas convicções e, ainda assim, desdobrá-las em ‘quase’ traições. O arcabouço teórico importado da Europa cria insustentáveis impasses para o país. A necessidade de afirmar a inevitabilidade da civilização era uma via de mão dupla: se, por sua face otimista, projetava um futuro para a *jovem nação*, por outro lado esse futuro não parecia nada promissor, ao menos da perspectiva

da interpretação euclidiana. Se aos mestiços do litoral, resta apenas a condição de “mercenários inconscientes”, imitando “os princípios civilizados elaborados na Europa”, aos mestiços do sertão, se alguma chance restava, coube apenas a face negativa da condenação à civilização.

Mas a maior incongruência do caráter missionário do intelectual em prol da afirmação de um traço de identidade para o país se baseia na opção pelo tema racial que é tão depreciativamente considerado.

A leitura da “Nota Preliminar” de *Os Sertões* evidencia a preocupação de Euclides da Cunha em delinear os “traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”.¹ O respaldo da investigação estaria garantido pela opinião consensual dos intelectuais da época de que o cruzamento de raças era “uma questão central para a compreensão dos destinos da nação”² e pelo rigor cientificista das teorias raciais. Mas é justamente o inconciliável das duas vertentes que torna ambíguo o compromisso. A aceitação do axioma sobre a inferioridade das raças condenando-as a “próximo desaparecimento”³ inviabiliza um esboço de nacionalidade favorável ao país. Como responder a esse impasse? Como não se surpreender com afirmações tão peremptórias, já presentes nas linhas iniciais da Nota, a respeito do incoercível destino das raças fracas (“Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo”⁴) e o rumo que as afirmações assumem a partir da segunda metade da Nota e que dão ao livro um propósito vingador? Como é possível considerar a campanha militar um crime se o sertanejo já estava deterministicamente condenado à extinção pela sua condição étnica inferior?

O desvelar dessa contradição é muitas vezes subestimado pela crítica que aposta na caducidade dos pressupostos científicos. Dessa forma, “mesmo resvalando em pequenos erros técnicos”,⁵ Euclides teria cumprido o projeto de escrever um “livro revelador do Brasil”.⁶ A concessão aos deslizes

1. CUNHA, [s.d.]. p. 7.

2. SCHWARTCZ, 1993. p. 14.

3. CUNHA, [s.d.]. p. 7.

4. CUNHA, [s.d.]. p.7.

5. FREYRE, 1995. v.1, p. 29.

6. FREYRE, 1995. p. 22.

cientificistas não comprometeria a “originalidade ainda vacilante de um povo”,⁷ esboçada em um “livro-protesto”.⁸

Desconhecer a inextricável relação entre o culto à ciência de cunho biológico e o compromisso com a identidade nacional é desprezar um argumento para a vitalidade da leitura de *Os Sertões* quase cem anos após sua publicação. É abrir mão de uma possibilidade de se explicar o paradoxo de forças *aparentemente* antagônicas que se harmonizam em perfil da nacionalidade brasileira.

*“Falo a prosa da minha ciência”*⁹

A organização material do livro dividido em três partes – a Terra, o Homem e a Luta – é um indicativo da correspondência mais do que formal que as unidades manterão entre si. Os condicionantes físicos do meio revelarão uma predisposição étnica que tentará explicar a resistência sertaneja à luta. A minúcia de detalhes na caracterização da terra serve de base ao “objetivo prefixado”¹⁰ de demonstração do “problema etnológico do Brasil”.¹¹ Assim, o mesmo determinismo emergente na observação sobre o caipira do Vale do Paraíba se aplica perfeitamente ao esquema de *Os Sertões*: “como se vissemos uma ruína maior por cima daquela enorme ruína da terra”.¹² Sobredeterminação que não escapa a Araripe Jr.:

A influência do meio físico e a psicologia do deserto são expostas de modo tão fulminante, nessas páginas, que antes de se entrar na pintura do sertanejo e na narração da luta da civilização com o jagunço, já se tem adivinhado grande parte dos destinos do conflito em iminência.¹³

7. CUNHA, [s.d.]. v. 1, p. 214

8. FREYRE, 1995. v. 1, p. 19.

9. CUNHA, 1995. v. 1, p. 251.

10. CUNHA, [s.d.]. p. 19.

11. CUNHA, [s.d.]. p. 19.

12. CUNHA, 1995. p. 209.

13. ARARIPE JR., 1978. p. 221.

À constatação da “feição ruiforme”¹⁴ da terra se coaduna o “depauperamento geral da vida”¹⁵ explicados pelo “rigorismo de incógnitas que se desvendam”.¹⁶

Ainda que a instabilidade do objeto dê origem a vários inexplicáveis, o instrumental científico é ferramenta fundamental mesmo na constatação do que permanece insolúvel já que o que importa é reverter o quadro de “indiferença com que nos volvemos às coisas desta terra”.¹⁷ A condição de viajante experiente que capta o fato *in loco* e que tem como matriz o “traço superior da ciência”¹⁸ eleva-o a posição privilegiada, tornando possível efetuar correções aos estudos de pensadores estrangeiros, apropriando-se mais fidedignamente da verdade. Assim, ao quadro de categorias geográficas de Hegel, diz ser necessário acrescentar os sertões do norte. Se a volubilidade dos dados objetivos viola a homogeneidade requerida pela lei científica, não é ainda o caso de se declarar “um escritor esmagado pelo assunto”, como declararia a respeito da Amazonia em carta a Artur Lemos.¹⁹ Ao contrário, “por conhecer em detalhes a região de que trata, pode acusar a deficiência da classificação do “pensador germânico”. *Corrigi-lo dá a Euclides um legítimo orgulho*” (grifos nossos).²⁰

A complexidade se torna maior ainda quando se empreende o estudo sobre a formação étnica do brasileiro:

No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermédias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e opostas condições de vida, pode afirmar-se que pouco temos avantajado.²¹

14. CUNHA, [s.d.]. p. 22.

15. CUNHA, [s.d.]. p. 42.

16. CUNHA, [s.d.]. p. 35.

17. CUNHA, [s.d.]. p. 28.

18. CUNHA, [s.d.]. p. 37.

19. CUNHA, 1995. v. 2, p. 697.

20. COSTA LIMA, 1997. p. 52.

21. CUNHA, [s.d.]. p. 60.

Tomando como paradigma para construção de uma nação civilizada a estabilidade racial, é com preocupação que Euclides afirma que “não temos unidade de raça”.²² O impasse é ainda agravado pela importância atribuída à ciência que era “a estrela polar por excelência do horizonte cultural de Euclides”.²³

O solo epistemológico em que pisava Euclides não admitia indagações acerca da falhabilidade dos pressupostos científicos. O postulado da lei científica era corroborado pela constatação empírica:

qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deteriorização decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental.²⁴

Apesar da recusa em seguir à risca o *Magister dixit*, negando-se a condição de submisso incondicional à ciência (cf. carta ao Dr. Domingos Jaguaribe),²⁵ é difícil considerar como reação uma “fatalidade mecânica de uma resultante intorcível” (cf. carta a Araripe Jr.):²⁶

A seleção natural em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem, como consequência única, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral.²⁷

Como explicar que tão depreciativa avaliação da capacidade dos mestiços possa resultar no “cerne vigoroso da nossa nacionalidade”?²⁸

22. CUNHA, [s.d.]. p. 62.

23. REALE, 1993. p. 67.

24. AGASSIZ, apud SCHWARCZ, 1993. p. 13.

25. CUNHA, 1995. v. 2, p. 642.

26. CUNHA, 1995. v. 2, p. 658.

27. CUNHA, [s.d.]. p. 69.

28. CUNHA, [s.d.]. p. 84.

Acreditando manter-se fiel à ciência, Euclides cometerá o seu mais flagrante desvio.

*“Sou um discípulo de Gumplowicz”*²⁹

Ao invés de menosprezar o aparato cientificista que embasa a argumentação de Euclides, desqualificando-o como “parafernália científica”,³⁰ a consideração da sua validade para a construção discursiva pode ter outro rendimento.

Já na “Nota Preliminar”, a referência teórica para a confirmação de seus pressupostos é clara: “A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável ‘força motriz da história’ que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.”³¹

A *lição* de *Os Sertões* identificando o sertanejo como uma raça forte apararia “todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico” (cf. carta a Araripe Jr.).³² Ao confessar-se discípulo do professor de Gratz, Euclides impunha ressalvas a seu mestre, abrandando seu racismo,³³ salvaguardando o sertanejo.

O próprio Euclides da Cunha se arrisca a corrigi-lo:

O grande professor de Gratz não a considerou sob este aspecto. A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte “tende a subordinar ao seu destino o elemento fraco ante o qual se acha”, encontra na mestiçagem um caso perturbador.³⁴

Percebe-se o orgulho pela pretensa autonomia intelectual que torna possível a suplementação da teoria do mestre ao mesmo tempo em que se viabiliza a abertura para firmar o compromisso com a identidade nacional.

29. CUNHA, 1995. v. 2, carta a Araripe Jr., de 27 de fevereiro de 1903.

30. REALE, 1993. p. 118.

31. CUNHA, [s.d.]. p. 7.

32. CUNHA, 1995. v. 2, p. 656.

33. REALE, 1993. p. 42.

34. CUNHA, [s.d.]. p. 93.

Vítima do irremediável de seu tempo, a exaltação da ciência, Euclides teria superado a mera importação das teorias e fundado a diferença com a coragem de enfrentar a singularidade de seu país.

Ainda que se não negue a prodigalidade do dilema em que Euclides se viu envolvido pela fidelidade a dois paradigmas que se interditavam nos moldes em que eram expostos (a lei dura da ciência condenando à inferioridade as raças marcadas pelo cruzamento e a necessidade de alcançar a civilização através do progresso e da definição de uma identidade nacional), é curioso perceber como os desvãos e as torções do seu texto são criados pelo compromisso inconciliável entre essas duas vertentes. É como se urdisse os fios para uma trama intrincada para saltar os limites de suas próprias aporias, criando para ele próprio “as aberturas do dilema”.³⁵ Não se está insinuando com isso que Euclides professasse qualquer tipo de indulgência crítica, conciliando contrários, forçando a reflexão para preencher os vazios (como o personagem Benedito do conto “A Evolução” de Machado de Assis), muito menos se está acusando-o de esperteza intelectual. Ao contrário, Euclides aceita o desafio de conhecer um país ainda ignoto.

Mas e se a maior fratura do seu sistema estiver justamente onde se supunha a continuidade? Como Euclides empreendeu a leitura de *La Lutte des Races* de Gumpłowicz?

“Que a ciência dissesse a última palavra”³⁶

O prefácio do livro do “gênio saxônico” reconhece na ciência o caminho mais apropriado para a apreensão da verdade: “Qu’on laisse donc à la science une consolation, une seule; celle de se livrer sans entraves à la recherche de la vérité et de proclamer sans ménagement ce qu’elle a reconnu vrai!”³⁷ e se esforça para provar que, embora o processo histórico seja um processo natural, o desenvolvimento da humanidade não pode ser totalmente explicado pelos fenômenos de natureza física. Criticando Buckle, que “s’est placé à un point de

35. CUNHA, [s.d.]. p. 321.

36. CUNHA, [s.d.]. p. 474.

37. GUMPLÓWICZ, 1893. p. IX.

vue trop *exclusif* en ne songeant qu'au *climat* et à la constitution du sol”,³⁸ chama a atenção para outros elementos estáveis capazes de se constituírem em homogeneidades possíveis de se submeterem a leis fixas, conforme a exigência de um método científico: “Ces elements, ce sont les divers *groupes ethniques et sociaux* dont se compose l'humanité.”³⁹

Defendendo a hipótese poligenética da origem da humanidade, minimiza o impacto do vínculo sanguíneo entre as raças e aponta o parentesco intelectual como responsável pela multiplicidade delas. A predisposição do gênero humano para os “amalgames ethniques”⁴⁰ configuraria a regularidade exigida para a identificação de uma lei social natural. Ainda que a argumentação de Gumpłowicz se veja atrelada à expressão darwinista da “luta pela existência” (“L'un des éléments vainqueurs ou la coalition des éléments vainqueurs (...) commence par assujettir les éléments vaincus”⁴¹), sua interpretação é uma abertura para a investigação do processo sociológico como uma “espèce spéciale du processus naturel”.⁴² Dessa forma, os elementos étnicos e as guerras se tornam fatores indispensáveis para a constituição desse tipo de processo natural bem como são a garantia do desenvolvimento da humanidade: “Tout élément ethnique ou social puissant cherche à faire servir à ses buts tout élément faible qui se trouve dans son rayon de puissance ou qui y pénètre.”⁴³ Estando as conquistas baseadas em uma relação de dominação, as comunidades sociais “reposit, soit sur une organisation du pouvoir, soit sur une communauté de certains caractères matériels ou même de caractères intellectuels, intérêts ou conquêtes”.⁴⁴

As raças passam a ser então as grandes responsáveis pelo processo histórico, pela formação dos estados e pela gênese da civilização. Mas qual a acepção que a raça assume para Gumpłowicz?

Chamando a atenção para a falta de precisão no emprego de termos como tribo, raça, povo e nação e para o desacordo a respeito de suas

38. GUMFLOWICZ, 1893. p. 8.

39. GUMFLOWICZ, 1893. p. 36.

40. GUMFLOWICZ, 1893. p. 57.

41. GUMFLOWICZ, 1893. p. 176.

42. GUMFLOWICZ, 1893. p. 157.

43. GUMFLOWICZ, 1893. p. 159.

44. GUMFLOWICZ, 1893. p. 170.

significações (“nous manquons absolument de dénominations et désignations convenables et appropriées”),⁴⁵ afirma peremptoriamente que a única explicação possível para a diferença entre as raças diz respeito a “facteurs et prémisses sociaux, politiques et historiques”.⁴⁶ Ao recusar a antropometria como técnica capaz de realizar análises raciológicas, subestimando seus resultados, Gumpłowicz desloca o conceito de raça das ciências naturais e o redefine para uma nova *épistème*, ao mesmo tempo em que se apresenta como alternativa aos parâmetros científicos dominantes no final do século XIX:

La race est une unité qui, au cours de l'histoire, s'est produite dans le développement social et par lui. Ses facteurs initiaux, nous le verrons, sont intellectuels: la langue, la religion, la coutume, le droit, la civilisation, etc. Ce n'est que plus tard qu'apparaît le facteur physique: l'unité du sang.⁴⁷

Sua teoria é, então, bem simples. Os grupos sociais se amalgamam por aptidões intelectuais comuns movidos pela vontade de poder e dominação, visando conquistas e interesses. Só depois de se estabilizarem em uma forma organizada de civilização, o estado, é que a consangüinidade torna-se imprescindível para a consolidação dessa unidade.

A unidade de sangue é mesmo desvalorizada como agente formador dos grupos sociais já que “le mélange de sang ne produit pas de modifications sensibles dans l'esprit, dans l'originalité des unités ethniques ou des unités sociales”.⁴⁸

Seja pela clareza da exposição ou pela insistência de sua repetição, o desentendimento da tese parece afastado. Resta-nos, então, a pergunta: foi esse mesmo o Gumpłowicz que Euclides leu?

É verdade que o vocabulário utilizado é tomado de empréstimo às ciências naturais (“l'assujettissement des tribus les plus faibles par les plus fortes”⁴⁹), mas fica evidente que ele é atualizado por uma outra semantização.

45. GUMPLOWICZ, 1893. p. 184-5.

46. GUMPLOWICZ, 1893. p. 189.

47. GUMPLOWICZ, 1893. p. 192.

48. GUMPLOWICZ, 1893. p. 195.

49. GUMPLOWICZ, 1893. p. 202-3.

Dessa forma, o singenismo é uma espécie de força de coesão entre os elementos de um mesmo grupo que preserva a sua identidade, suas afinidades intelectuais e morais, lançando-se à dominação do inimigo: “est dans la nature de l’homme que “toute exploitation” d’autres hommes, partout où elle est forcée d’avoir lieu, cherche toujours ses victimes *en dehors de son cercle syngénétique*”.⁵⁰

Os elementos étnicos impulsionados pela força singenética visando à dominação de seus inimigos promovem guerras e lutas a fim de sujeitá-los “uniquement en vue de la division économique-politique du travail”.⁵¹ O singenismo não mantém nenhuma relação com a consangüinidade, “ce n’est que le sentiment de la communauté des liens de la bande”,⁵² “Ils [les facteurs qui relient ces groupes] sont plutôt le résultat de la civilisation que celui de la consanguinité”.⁵³

Reunidos, todos os elementos da lenta exposição podem formular sua hipótese:

La lutte des races pour la domination, pour le pouvoir, la lutte sous toutes ses formes, sous une forme avouée et violente, ou latente et paisible, est donc le *principe propulseur* proprement dit, *la force motrice de l’histoire*; mais la domination elle-même est le pivot sur lequel tournent toutes les phases du processus historique, l’axe autour duquel elles se meuvent, car les amalgamations sociales, la civilisation, la nationalité et tous les phénomènes les plus élevés de l’histoire ne se révèlent que par suite d’organisations de pouvoir et par le moyen de ces organisations.⁵⁴

Diante da leitura de *La Lutte des Races*, os transtornos interpretativos da base teórica de Euclides da Cunha ficam evidentes. Euclides leu o que *quis* ler e não o que estava escrito? E se assim o fez, quais os efeitos dessa ‘indisciplina’ para sua própria trama textual?

Já na “Nota preliminar”, Euclides reduziria a hipótese de Gumpowicz ao axioma darwinista. Segundo a explicação de caráter biológico, naturalmente, as raças inferiores estariam fadadas ao desaparecimento, segundo “as exigências

50. GUMPLOWICZ, 1893. p. 210.

51. GUMPLOWICZ, 1893. p. 210.

52. GUMPLOWICZ, 1893. p. 242.

53. GUMPLOWICZ, 1893. p. 243.

54. GUMPLOWICZ, 1893. p. 217.

crescentes da civilização” e a “concorrência intensiva das correntes migratórias”.⁵⁵ Euclides justifica a extinção da raça mais fraca, identificando-a como resultado inexorável da “força motriz da história”, desconsiderando, no argumento de Gumpłowicz, sua contestação ao darwinismo e sua nítida orientação sociológica. A partir daí, Euclides cria para si próprio uma contradição: como denunciar como criminoso um massacre já anunciado e explicado pela teoria de cunho biológico? Toda a *originalidade* da tese de *Os Sertões* resultará desse impasse uma vez que Euclides revitaliza o compromisso do intelectual brasileiro com a essência da nacionalidade *apesar* da importância atribuída ao elemento étnico.

O recalque da interpretação sociológica e a inferência de que o massacre seria justificável cientificamente são compensados pelo enaltecimento da nacionalidade.

A aceitação incondicional de que a esterilidade do mestiço tornava-o impróprio à civilização faz com que Euclides dê um salto por cima de sua fonte mais próxima, e construa um desvio perigoso que paradoxalmente e de forma simultânea parece acentuar e desfazer o impasse em que se metera.

O paradoxo parece sofrer uma reversão: a sub-raça se configura, apesar do caráter retrógrado, retardado de formação, como o “cerne vigoroso da nacionalidade”, sendo favorecido por aquilo que a letra da teoria cientificista o condenaria irreversivelmente, o “refluxo para o passado”. Se para os “seres etnologicamente indefinidos” do litoral não há saída, o sertanejo é favorecido pelo isolamento geográfico que o livra da degenerescência.

Como caracterizar o isolamento do sertanejo senão como um desvio, uma quase *traição* ao cientificismo, ainda que realizada em seu nome? Por outro lado, se considerarmos a letra do texto de Gumpłowicz a oposição torna-se ainda mais violenta. Para este, a mistura de raças é imprescindível à civilização: “Nous ne pouvons jamais constater une civilisation florissante là où nous ne pouvons constater en même temps qu’il y ait eu préalablement une forte amalgamation ethnique”.⁵⁶

Euclides faz uma leitura a contrapelo acreditando ser fiel ao mestre. Segundo a teoria do professor de Gratz, o isolamento só poderia redundar em estagnação, obstruindo a civilização.

55. CUNHA, [s.d.]. p. 7.

56. GUMPOWICZ, 1893. p. 282.

As demonstrações de “indisciplina autônoma”⁵⁷ provocada pelo seu desvio e os arrevezamentos de suas conclusões são o resultado da crença quase religiosa de Euclides na ciência. Embora seja obrigado a repensar as teorias científicas que lhe servem de esteio, as ‘soluções’ que encontra pretendem ainda permanecer dotadas de um instrumental científico-positivista. Mas se o arsenal cientificista inviabiliza irremediavelmente um projeto de cunho nacional, é preciso abrir um parêntesis.

*“Um parêntesis irritante”*⁵⁸

“Convindo que o meio não forma as raças”,⁵⁹ a argumentação euclidiana não consegue se descartar do determinismo da terra sobre o homem, fazendo do isolamento geográfico a condição essencial do “notável traço de originalidade na gênese da população sertaneja”.⁶⁰ Se a falha na nossa evolução se deve à ausência de um tipo antropológico estável, para corrigi-la é preciso jogar com os dados de que se dispõe. Se mestiços há por toda parte, acentuando nossa debilidade étnica e conseqüentemente tornando-nos incompatíveis com as “exigências superiores da civilização”,⁶¹ a única saída é valorizar “um tipo mestiço bem definido, completo”!⁶² A uniformidade procurada no desequilíbrio é um desvio salvador: “O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída”.⁶³ Vislumbrando a incoerência, a justificativa torna-se irritante, mas é elaborada a partir da rigidez das conclusões cientificistas:

57. CUNHA, [s.d.]. p. 91. A expressão é utilizada por Euclides da Cunha referindo-se a uma das ações militares para tomada de Canudos, quando o exército abandona a tática de guerra e a linha reta de um “plano firme e racional” agindo à revelia do comando. In: *Os Sertões*, [s.d.]. p. 313.

58. Título de uma das subseções de “O Homem”.

59. CUNHA, [s.d.]. p. 74.

60. CUNHA, [s.d.]. p. 80.

61. CUNHA, [s.d.]. p. 122.

62. CUNHA, [s.d.]. p. 88.

63. CUNHA, [s.d.]. p. 91.

Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto (da mestiçagem) o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (...) De sorte que o mestiço (...) é, quase sempre, um desequilibrado.⁶⁴

Tendo efetuado a leitura de Gumpowicz sem abrir mão da “fatalidade das leis biológicas”,⁶⁵ o desenvolvimento do argumento recolhe da fonte apenas o que parece corroborar suas certezas. O que parece contestação é apenas desleitura.⁶⁶

Não se compreende que após divergirem extremamente, através de largos períodos entre os quais a história é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo.⁶⁷

Euclides rejeita a tese dos amálgamas étnicos de Gumpowicz porque os considera a partir do horizonte inviolável, para ele, das leis do desenvolvimento das espécies. É por isso que mesmo deslendo sua fonte é capaz de retirar dela o argumento central para seu próprio salto teórico. O longo espaço dedicado a Agassiz nas páginas de *La Lutte des Races* (cf. p. 75-82) foi glosado por Euclides nessa subseção, mas tendo, como consequência, rendimento oposto.

Quando Gumpowicz se apropria das conclusões de Agassiz é com o propósito de reforçar seu próprio argumento de que os cruzamentos entre os elementos étnicos diferentes são uma tendência regular na história da humanidade. Assim, ao invés da interpretação da teoria de Darwin que afirmava a condenação dos cruzamentos de espécies diferentes (diga-se de passagem, assumida pelo próprio Euclides: “O tipo deperece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até a extinção”⁶⁸), Agassiz parece provar

64. CUNHA, [s.d.]. p. 91.

65. CUNHA, [s.d.]. p. 91.

66. Para melhor conhecimento desse argumento, cf. COSTA LIMA, L. *Terra Ignota. A Construção de Os Sertões*. R.J. Civilização Brasileira, 1997.

67. CUNHA, [s.d.]. p. 91.

68. CUNHA, [s.d.]. p. 69.

que “toutes les lois de l’hérédité et de la transmission servent plutôt à maintenir le type qu’à le briser”.⁶⁹

Para Euclides, a paráfrase do argumento é quase um *turning point*. O exemplo dado por Agassiz parece ter inspirado a classificação do sertanejo como retrógrado:

Imaginez qu’à la génération suivante il y ait croisement entre un demi-sang, par exemple une mulâtresse, et un blanc, ou entre un mulâtre et une négresse, et que ceci se reproduise pendant deux ou trois générations. Le résultat spécial du mélange finira par s’éliminer complètement et **nous reviendrons au type pur (...) leurs descendants reviendront au type primitif**.⁷⁰ (grifos nossos)

Como um preâmbulo que antecipasse o desdobramento que vai se seguir, o parêntesis confirma o solo de origem ainda que os frutos neguem a procedência.

Fazer do mestiço uma raça forte parece tarefa impossível, mas Euclides parece determinado a provar essa transformação através da exposição lógica e transparente. Em seu auxílio, Gumplowicz se apresenta:

A índole incoerente, desigual e revolta do mestiço, como que denota um íntimo e intenso esforço de eliminação dos atributos que lhe impedem a vida num meio mais adiantado e complexo. Reflete – em círculo diminuto – esse combate surdo e formidável, que é a própria luta pela vida das raças, luta comovedora e eterna caracterizada pelo belo axioma de Gumplowicz como a força motriz da história.⁷¹

Euclides volta a reafirmar o que já tinha deixado claro: o mestiço é um desequilibrado que luta para se adaptar a um meio mais avançado. A surpresa é renovada quando já se sabe que a “força motriz da história” a que se refere Gumplowicz é incompatível com a apropriação que dela faz Euclides. Parece se representar um diálogo de surdos. O texto de Gumplowicz não deixa margem a dúvidas: “La notion de race, aujourd’hui, ne peut jamais et

69. Apud GUMFLOWICZ, 1893. p.78.

70. GUMFLOWICZ, 1893. p. 78.

71. CUNHA, [s.d.]. p. 93.

nulle part être simplement une notion de science naturelle, dans le sens étroit du mot; elle n'est plus, partout, qu'une *notion historique*".⁷² Mas Euclides não parece ouvi-lo. O produto da leitura de *La Lutte des Races* é um transtorno interpretativo, daí Euclides acreditar que é possível corrigir seu mestre.

O grande professor de Gratz não a considerou sob este aspecto. A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte "tende a subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante o qual se acha", encontra na mestiçagem um caso perturbador. A expansão irresistível do seu círculo singenético, porém, por tal forma iludida, retarda-se apenas. Não se extingue. A luta transmuda-se, tornando-se mais grave. Volve do caso vulgar, do extermínio franco da raça inferior pela guerra, à sua eliminação lenta, à sua absorção vagarosa, à sua diluição no cruzamento.⁷³

Tudo leva a crer que Euclides tenha sido forçado "à pressão dos dados objetivos",⁷⁴ através da constatação inexplicável da resistência sertaneja na luta a modificar a lei, completando-a. No entanto, a mera apropriação do vocabulário do texto de Gumpłowicz não garante a compreensão do que leu. Euclides demonstra que o seu entendimento da força característica do singenismo limitava-se à extinção dos mais fracos subjugados pelos mais fortes racialmente, uma mera tradução da sua convicção cientificista. A sua condenação ao caldeamento da raças permanece aí mais forte do que nunca, como uma marca indelével que se arrasta através do tempo, transmudando-se em luta mais grave:

E durante o curso deste processo redutor, os mestiços emergentes, variáveis, com todas as nuances da cor, da forma e do caráter, sem feições definidas sem vigor, e as mais das vezes inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os *mutilados inevitáveis do conflito* que perdura, imperceptível, pelo correr das idades.

É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.⁷⁵ (grifos nossos).

72. GUMPLOWICZ, 1893. p. 192.

73. CUNHA, [s.d.]. p. 93.

74. CUNHA, [s.d.]. p. 60.

75. CUNHA, [s.d.]. p. 93.

Numa nova torção da letra do texto de Gumplowicz, Euclides atribui à civilização o poder de extermínio sobre as raças fracas. A reversão do argumento é, no mínimo, curiosa. Para o polonês todos os amálgamas responsáveis pela formação dos grupos sociais visavam alcançar a civilização, “essence intime du processus historique”.⁷⁶ A conclusão de Euclides, produto do seu equívoco interpretativo, é a de que estamos ambigualmente condenados à civilização. Já que as sociedades “não dão saltos”, é “possível que não seja o processo mais civilizado o processo civilizador”.⁷⁷

Acreditar então que Euclides “abrandava o racismo de Gumplowicz”⁷⁸ é uma ficção. A insistência em realçar a instabilidade moral e psíquica do mestiço é correlata da valorização do isolamento que caracterizava os “rudes patricios dos sertões”: “O abandono em que jazeram teve função benéfica”.⁷⁹ A salvo da civilização, que o transformaria inequivocamente em um degenerado do litoral, devido ao despreparo para enfrentar as “exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo”,⁸⁰ o sertanejo é apenas um retrógrado. Assim como na paisagem em ruínas do sertão, “a região incipiente ainda está preparando-se para a vida”,⁸¹ o sertanejo pela sua originalidade regressiva pode se constituir na “rocha viva da nossa nacionalidade”. Empurrando para um futuro remoto o desenvolvimento da nação, dependente da constituição de uma raça homogênea, novas ambigüidades surgem. Se precisamos contar com o tempo para superar uma “situação provisória de fraqueza”,⁸² como apontar o momento do efetivo melhoramento da raça?

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. **A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social.**⁸³ (grifos nossos)

76. GUMLOWICZ, 1893. p. 177.

77. CUNHA, 1995. v. 1, p. 547.

78. REALE, 1993. p. 42.

79. CUNHA, [s.d.]. p. 93.

80. CUNHA, [s.d.]. p. 93.

81. CUNHA, [s.d.]. p. 24.

82. CUNHA, 1995. v. 1, p. 212.

83. CUNHA, [s.d.]. p. 62.

A solução parece comprometer ainda mais a argumentação. Se aos “neurastênicos do litoral” só resta a condição de “mercenários inconscientes” das idéias importadas, do anacronismo étnico do sertanejo não se há de esperar a compreensão da “significação superior dos princípios democráticos”⁸⁴ do regime republicano. Como, então, seria possível a evolução social?

O impasse, parecendo insolúvel, alcança inusitado arranjo. Por mais contraditório que possa parecer, a “evolução regressiva” do sertanejo só é possível pela fidelidade de Euclides aos pressupostos cientificistas. O que parece uma ruptura que punha o sistema a perder desvela, na verdade, o comprometimento mais urgente com as exigências da nacionalidade.

Só então pode se compreender como a campanha de Canudos representou um crime para a nacionalidade: “atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça”.⁸⁵

A lição de Euclides pressupunha a integração de dois brasis que se desconheciam e antecipava a teoria do atraso cultural:⁸⁶

Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários.⁸⁷

Em conseqüência de outra torção de seu entendimento da leitura de *La Lutte des Races*, Euclides acredita estar aprimorando a lição do mestre ao sugerir que a guerra deveria ser preterida em prol da luta pela incorporação do sertanejo aos destinos da nação: “Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta”.⁸⁸ Entretanto, a teoria dos amálgamas étnicos previa a política das alianças, da união das forças visando às conquistas dos interesses comuns: “Existe des conditions par suite desquelles les tribus hétérogènes trouvent qu’il est avantageux de conclure une *alliance* et de s’en aller *réunies* (...) dans ces cas, les éléments confédérés finissent par s’amalgamer.”⁸⁹

84. CUNHA, 1995. v. 1, p. 229.

85. CUNHA, [s.d.]. p. 462.

86. ANDRADE, 1960. p. 10.

87. CUNHA, [s.d.]. p. 405.

88. CUNHA, [s.d.]. p. 166.

89. GUMPLOWICZ, 1893. p. 161-162.

É curioso perceber que, onde Euclides pensa estar dialogando com Gumpłowicz, está apenas desentendendo-o e onde pensa corrigi-lo ou aprimorá-lo, acreditando “aparar todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico”,⁹⁰ aplica a letra de sua teoria.

Se Euclides não pode ser acusado de uma desleitura consciente de sua fonte mais marcante, *La Lutte des Races* de Gumpłowicz, o mesmo não se pode dizer dos leitores de *Os Sertões*, pois tornar irrelevantes as considerações étnicas do livro é privilegiar uma opção de leitura: “a afirmação de uma essência que orientaria o projeto de nacionalidade e a denúncia da ‘civilização de empréstimo’”.⁹¹

Dessa forma, os transtornos interpretativos de Euclides são referendados por seus leitores que reafirmam a substancialidade do seu projeto sem interrogar-lhe as contradições ou delinear seus impasses.

*Résumé: L'essai analyse les contradictions présentes dans l'oeuvre Os Sertões de Euclides da Cunha, tout en établissant un rapport entre celles-ci et l'impasse vécue par l'auteur autour de deux compromis irréconciliables: la fidélité aux présupposés scientifiques sur la question raciale et la configuration d'une identité nationale pour le pays. Plutôt que de considérer la rigidité scientiste qui traverse le texte d'Euclides comme étant équivoque ou dépassée, l'argumentation préfère la confronter aux sources euclidiennes elles-mêmes. La lecture de La Lutte des Races de L. Gumpłowicz dévoile les détours qui découlent du dilemme imposé par la question raciale au développement civilisé de la nation.
Mots clés: identité, raciale, scientiste.*

90. CUNHA, 1995. v. 2. Carta a Araripe Jr., de 27 de fevereiro de 1903.

91. COSTA LIMA, 1997. p. 45.

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

R e f e r ê n c i a s B i b l i o g r á f i c a s

- ANDRADE, O. de S. *História e interpretação de Os Sertões*. São Paulo: EDART, 1960.
- ARARIPE JR. Os Sertões. In: BOSI, A. (Sel. e Apres.). *Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos / São Paulo: USP, 1978.
- COSTA LIMA, L. *Terra ignota*. A construção de *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- _____. À margem da história. In: _____. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- CUNHA, Euclides da. Contrastes e confrontos. In: _____. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- _____. Carta a Artur Lemos, 1905. In: _____. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- _____. Carta ao Dr. Domingos Jaguaribe, de 23 de dezembro de 1897. In: _____. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- _____. Carta a Araripe Jr., de 12 de março de 1903. In: _____. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- _____. Carta a Araripe Jr., de 27 de fevereiro de 1903. In: _____. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- FREIRE, G. Euclides da Cunha. Revelador da realidade brasileira. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (Org.). v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 2 v.
- GUMPLOWICZ, L. *La lutte des races*. Trad. Charles Baye. Paris: Librairie Guillaumin, 1893. Do original alemão *Rassenkampf* [1883].
- REALE, M. *A face oculta de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870/1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.